

gência de serviços públicos e a realidade que só sobrevivem à avaliação
raou de satisfação por confronto mini-
ista com realidades negativas de ante-
es governações.

disponibilidade, o acesso
de usufruto

serviços. O problema é que o Estado acaba por contagiar o privado

sistir num discurso e ação política de
aprofundamento dos mecanismos euro-
peus que é incompatível com as posições
de quem apoia a solução de governo.

saos respostas imediatas, su-
com sentido de equilíbrio
demasiados casos, já se des-
3 anos. Serão capazes?

das paixões excessivas

equilíbrio que perfazem o quadro
sociedade moderna, mas não
vel que isso seja feito enquanto
e a degradações de acessos a

É inconsistente persuir numa atitude
de aprovar "na boa vai ela" para condi-
cionar nas cativações ou nas dilatações da
propostas.

desculpas ridículas, as falhas dos atu-
canos. Não é solução querer projeta-
nos para uma realidade virtual ou pa-
um futuro que ninguém sabe se have-
condições para o

O que é
serviç
alheios,
lidade, o

ver um problema, das operadoras de tele-
a alguém para resol-
a situação vivenci-
se de estagnação. É evidente que no
ano simbólico, nos vão entretendo com
jendas que compõem situações de des-

loca nisto tudo, para a
ia do PS às agendas e impuls
a falta de sentido de sustenta
zigzague constante e o exte
onal e europeia da inconsistência

ursos inexistentes.
a eliminação das
s ou outros retalhos
gente a dever muito
a laborar numa cren-
se

em não quer ou não conseguir resolver.
Viemos da ditadura, em que não havia
direitos, para um quadro democrático
de afirmação crescente de direitos, de
melhorias da qualidade de vida e de supe-

problema é existirem ainda muitos cida-
dãos que não têm acesso a essa realida-
de, que não estão familiarizados com as
ferramentas e precisam do contacto pes-
soal. É ver a dificuldade que existe atual-

sentado, sejam ela
tempos de trabalh
taxas moderadora
impulsionados por
à responsabilidade,
ça infinita em rec-

das
paixões
excessivas

Alberto Cinza | Romy Riq

Seleccção de textos de Alberto
Cinza publicados original-
mente em "Polifonte", 2014.

Ilustrações criadas expressa-
mente por Romy Riq para esta
edição.



Junho 2020

Colecção Mano-a-Mano, I

sumário

- 1 Polifonte
- 3 Annemarie Gulyias, de chapéu
branco
- 6 Antonio Salina, sem máscara
- 10 Elodie Boucher, maníaca
- 13 Roderick M. Martin— uma
parábola

Polifonte

Terine e Ares tiveram uma filha, Trasa.

Casou-se com ela Hipanoo e tiveram uma filha, de nome Polifonte, que menosprezava as suas ocupações com o culto de Afrodite e preferia partir para a montanha e fazer-se companheira de jogos de Ártemis.

Afrodite, porque ela não a honrava, inspirou-lhe desejo por um urso, fazendo-a perder a razão.

Ela, entregue a tal furor por instigação divina, copulou com o animal. Ao vê-lo, Ártemis tomou-lhe um ódio extraordinário e lançou contra ela todas as feras.

Polifonte sobreviveu e deu à luz dois filhos, Agro e Orio, enormes e com força descomunal. Estes não honravam qualquer deus ou homem e Zeus, tomando-lhes ódio, enviou-os a Hermes para que lhes

impusesse o castigo que desejasse.

Hermes decidiu cortar-lhes os pés e as mãos.

Mas Ares, a quem remontava a estirpe de Polifonte, libertou-os deste destino e, com a ajuda de Hermes, transformou-os em pássaros.

A Polifonte, converteram-na em coruja,



que canta de noite e prescinde de comida e bebida, que mantém a cabeça baixa e os pés ao alto, e que é mensageira de guerras e dissensões entre os homens.

Annemarie Gulyias, de chapéu branco

A única fotografia que se lhe conhece mostra-a na esplanada do Café Bodó em Budapeste, na companhia da mãe e sob o olhar atento de um empregado de fraque, papillon e cabelo puxado para trás à Valentino.

Ambas as mulheres usam chapéus brancos e a jovem Annemarie, de vestido florido, parece suspensa de uma qualquer história que a mãe lhe conta, de olhos perdidos no horizonte, como se buscasse na sua memória o contorno exacto de determinado detalhe.

A fotografia não está datada mas poder-se-ia, sem grande hesitação, situá-la no período entre as duas guerras, época de florescimento da indústria conserveira

de Ferenc Gulyás, pai de Annemarie, ausente no retrato como tantas vezes se encontrava ausente da casa familiar.

O antes e o depois desta fotografia estão perdidos para nós, irrecuperáveis por igual os rostos anteriores e tardios da trágica Annemarie Gulyás, educada como uma senhora, treinada como uma



cantora lírica e, no entanto, naturalmente inábil para qualquer destes papéis, mais inclinada ao lúmpen e à opereta.

Numa húmida manhã de 1942, apareceu morta em frente ao Rókus Hospital, envolta num cobertor. Fora baleada no rosto e só foi possível identificá-la através dos registos dentários.

Do seu último amante, um empregado de café por certo não muito diferente daquele que a observa na sua única fotografia conhecida, nunca se encontrou o seu paradeiro.

Antonio Salina, sem máscara

O mais público dos homens pode ter -
e muitas vezes tem - a mais secreta das
vidas.

Antonio Salina, o popular fotógrafo
andaluz, cujas imagens povoaram o imagi-
nário espanhol durante quase duas déca-
das, pareceria à partida uma excepção
enunciada acima.



O seu trabalho - reproduzido até à exaustão em postais, calendários, capas de cadernos, lancheiras, malas de senhora e t-shirts - decalcado da vida familiar, um exemplo de pública harmonia, consistiu sempre numa forma quase diarística—mas prenhe de pudores - de exposição dessa mesma família, em particular daquilo que se referia ao desenvolvimento e ternas tropelias dos seus cinco filhos.

(...)

Dois anos depois da morte de Salina—um ataque cardíaco, enquanto conduzia, com três dos seus filhos no automóvel, os quais saíram ilesos do despiste, sem cicatrizes dignas de serem fotografadas — uma edição da casa sevilhana Fotografia & Cia. promete levar a uma reavaliação do trabalho do afável fotografo e, por inerência, da própria psique da sua massa de de consumidores.

A edição, projectada para três volumes, verá a luz antes do Verão de 2009 e terá como título *La máscara*.

De que máscara se trata? A resposta é simples: do rosto de Salina cai a máscara da afabilidade e de bonomia, do rosto da sua família cai a máscara da harmonia e daquele dos seus atónitos espectadores tombará sem demora a máscara sorridente e tranquila.

(...)

O que terão de tão chocantes estes três volumes para que a família Salina tenha tentado interditar a sua publicação, apelando até à memória da falecida esposa do fotógrafo?

Nestas páginas, o artista revela-se de corpo inteiro, escrevendo sobre a sua vida, o seu trabalho e a sua família, complementando esse escrito com fotografias inéditas, cujo teor se afasta, e muito, do seu trabalho já conhecido.

Fala da morte da mulher — cancro em 1987 —, de como a substituiu pelos filhos, mantendo com todos eles relações sexuais, como se de um harém se tratasse, enquanto durante anos se lhe louva-

ram as paternais capacidades. Fala do seu trabalho, do horror profundo que lhe inspiravam essas fotografias falsas, como testemunhas de uma vida falsa, toda essa falsidade deslizando como néctar de ambrósia pelas incautas gargantas da massa de compatriotas que o viam como modelo e juravam sobre a veracidade da felicidade que viam representada nas suas fotografias.

Fala de tudo mas não fala de máscaras.

Mas é a elas que recorre, máscaras de dor e de nojo, pintadas à mão - a sua mão - sobre cópias de algumas das suas fotografias mais populares, distorcendo a interpretação habitual sobre essas imagens e elevando-as, à força de abjeção a um novo patamar.

Elodie Boucher, maníaca

(...)

O meu pai está sentado no seu cadeirão e eu estou de costas para ele, a esgravatar com um pauzinho no chão de terra batida daquela que parece ser a nossa sala de estar, que deve ser de certeza a nossa sala de estar pois o pai está sentado a ler o jornal no seu cadeirão e onde poderia ele fazê-lo senão na nossa sala de estar onde está o seu cadeirão e onde costuma estar também o jornal e a lareira e eu mas não um chão de terra, tacos de madeira polidos e encerados sim mas terra não, eu a esgravatar com um pauzinho que não sei de onde pode ter vindo se é Inverno, a esgravatar com esse pauzinho no chão de terra batida que não costuma estar na sala e o pai a ler o jornal, de perna cruzada, a ler alto as notícias e comentá-las depois entredentes, a falar comigo e sem falar

para mim, as notícias lidas alto e o pauzinho a esgravatar no chão, a remexer na terra, as palavras do pai a gotejarem-me ao ouvido como se fossem areia, grãozinhos polidos e não as palavras do



pai que não são polidas nem são grãozinhos mas antes palavras e como tal não deviam gotejar como a areia que me goteja no ouvido e vai escorrendo para dentro de mim, eu não era oca, mas agora sou e a areia enche-me e eu esgravato e não acho estranho que o chão seja de

terra, tal como não acho estranho que a areia possa escorrer por mim adentro e encher-me e preencher-me e pesar-me porque sou oca...

Roderick M. Maria— uma parábola

(...)

No prado, junto à tua margem, deixarei
um bote.

Estará à tua disposição para quando
desejares usá-lo.

No fundo terá um pequeno furo. Quando
o navegares, encher-se-á de água, não o
suficiente para te fazer naufragar



mas apenas para que uma vez chegada a esta margem se torne inutilizável.

Pois desta margem não há retorno.



Uma produção EVA CARTONERA

em parceria com a

ADA0 - Associação de Desenvolvimento
de Artes e Ofícios

Salientar as
mente, a Galiza
tural e literário não s
sófono mas também r
undamental do conju
ânico em geral". O segun
ta na defesa e promo-
ta Universal de Deveres e
dos Seres Humanos, um

nada se sabe

social que detém o
sabilidade diversos", l
nto. No terceiro ponto
a consciência de qu
a verdadeiramente in
as verdadeiras precisos
e alcançam se adotam
s momentos precisos
s momentos precisos
"julgada" foi a
para dar corpo
bém ficar
JaRICO